

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO DE VIVER E O TEMPO DE MORRER

Aracaju/Se

2023

IOLANDO MENESES

**REFLEXÕES SOBRE O TEMPO DE VIVER
E O TEMPO DE MORRER**

2ª. edição

Aracaju/Se

Edição do Autor

2023

Copyright © 2020

Iolando Meneses

Capa:

Foto Capa: Livrorama

Revisão:

Marianna Sarmento

2023

lolando320@gmail.com

PREFÁCIO

Caro leitor,

Pesquisas recentes apontam que falar sobre a morte é um tabu para mais de 70% dos brasileiros. Esses números jogam luz em umas características da nossa cultura e ajudam a entender o que os brasileiros pensam ao lidar com o fim da vida. Segundo a pesquisa, os brasileiros têm mais medo de perder alguém do que da própria morte. 82,4% dos entrevistados acham que não existe nada mais sofrido do que a dor da perda de alguém; 79% acham que nunca é a hora certa; 63% acham que a tristeza está associada à morte; 48,6% não estão prontos para lidar com a morte de outra pessoa; 30% têm muito medo de morrer; 30,4% não sabem como ou com quem falar sobre morte; e 10% acreditam que falar sobre o assunto atrai a morte. O mundo ocidental transformou a morte em tabu. Ela costuma ser ocultada das crianças e banida das conversas cotidianas. Para a maior parte das pessoas, a morte está diretamente associada a sentimentos ruins como dor, tristeza e saudade, e isso faz com que as pessoas tenham dificuldade de falar sobre o assunto.

A morte pode até ser vista como um mistério incompreensível ou como um absurdo inaceitável. Mas, seja como for, aceitemos isso ou não, a morte é um fato, uma realidade inexorável. A única verdade absoluta e, portanto, incontestável.

O Autor

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO DE VIVER E O TEMPO DE MORRER

O TEMPO

A saudade é o que faz as coisas pararem no Tempo.

Mario Quintana

Ao pensarmos descomprometidamente sobre o tempo, pensamos intuitivamente também no fato de olharmos o relógio ou o calendário, como se o tempo se resumisse ao “tempo cronológico”, mas quase nunca fazemos alguma relação com a forma como este tempo cronológico tem sido um “tempo vivido”.

O escritor Forghieri, que é um estudioso de psicologia fenomenológica, constata que desde a antiguidade o ser humano tentou analisar racionalmente o transcorrer do tempo, procurando objetivar a sua marcha, verificando as suas repetições e relacionando-as com o espaço. Já nos relatos bíblicos do livro do Gêneses, se registra a contagem do tempo com o surgimento e o desaparecimento do sol a intervalos regulares, permitindo,

assim, estabelecer o dia e a noite, cada um com seu intervalo de atividade e repouso. Posteriormente, de acordo com pesquisas, por volta de 2700 a.C., surgiu o primeiro calendário na Mesopotâmia, de modo provável entre os sumérios, e que foi aprimorado pelos caldeus. O calendário possuía doze meses lunares de vinte e nove ou trinta dias, e serviu de base para o calendário adotado pelos judeus. Mais adiante, no século VI, foi criado em Roma, por um monge chamado Dionísio, o calendário cristão. A contagem dos anos deveria ser iniciada por um acontecimento de grande valor, de modo que, como cristão, Dionísio considerou que o ano um deveria ser o do nascimento de Jesus Cristo.

O TEMPO DO PONTO DE VISTA FILOSÓFICO

Do ponto de vista mais filosófico, ter consciência do “tempo” relacionado apenas ao espaço significa estabelecer marcas entre dias e noites, manhãs e tardes, entre anos, meses, semanas, estações do ano, por

instrumentos numéricos ou pela variação do sol no céu, que conforme o escritor Bicudo, em seu livro *Tempo Vivido e História*, trata-se de um tempo mecânico, marcado por regularidades que repetem o agora pontual. Este “tempo cronológico” é o tempo do “tic-tac” do relógio, que anuncia o passar do tempo.

Em antítese a este entendimento, Santo Agostino vem colocar em maior destaque o caráter psicológico do tempo, ou seja, o seu pertencimento à consciência, de como é experienciado naturalmente pelo espírito, o “tempo vivido”¹. Para ele “pode acontecer que um verso mais curto, lido lentamente, dure mais tempo que um mais longo lido rapidamente”. Este pensamento Agostiniano influenciou a filosofia de Henry Bérgson em futuras reflexões a respeito da “vivência do tempo”. Sua grande contribuição foi a distinção entre “tempo vivido como experiência interna”, em contraposição ao “tempo cronológico que é mensurável”.

¹ Agostinho, S. (1987). Confissões de magistro 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural.

Segundo Bérqson, a noção de direção do tempo nos coloca diante do fenômeno “élan vital”². Assim como tudo na vida tem uma direção, o tempo tem o seu “élan vital”, que cria o futuro antes de nós. Isto significa que ele é um instinto, uma energia que lança a vida à frente, para além do simples movimento de extensão e expansão do corpo; é a intencionalidade que orienta e direciona a vida rumo ao seu futuro.

Em seu livro *Il Tempo Vissuto*, Minkowski defende que quando o “élan vital” se “apaga”, o *eu* perde a velocidade e a dimensão do “devir”,³ do futuro. Nesta intrínseca relação entre o presente, o agora e o futuro, Minkowski entende que o presente é um ato de muita complexidade, é um estado da mente, e engloba um grupo de fenômenos, incluindo o agora.

O agora seria a consciência da existência no presente. É um ponto muito denso, no qual se concentra, em um instante, o último momento do passado e o primeiro momento do futuro. Em relação ao passado, o

² Bergson, H. (1988). Ensaio sobre os dados imediatos da consciência (J. S. Gama, Trad.). Lisboa: Edições 70.

³ Minkowski, E. (1965). *Il tempo vissuto*. Roma: Einaude.

psiquiatra francês Eugène Minkowski apresenta três perspectivas de olhar: a recordação, o remorso e o pesar. Esses elementos, segundo ele, são capazes de abrir de novo o caminho para o futuro, desde que sejam ressignificados.

O futuro, por sua vez, é vivido de uma maneira mais direta e imediata, pois a atenção do eu é primariamente direcionada para ele. O futuro garante uma perspectiva ampla e majestosa diante do eu, a qual se perde de vista e o aproxima do misterioso, que é tão indispensável à vida espiritual quanto o ar puro para a respiração. Nesse sentido, há que se inquirir como o futuro pode ser vivido, sem que dele se tenha conhecimento.

**Quando a morte vem chegando parece
que a pessoa fica em paz. Para de lutar contra
ela própria e se entrega com uma docilidade
quase incompreensível.**

Zevi Guivelder

O TEMPO DE VIVER

*Gostaria de dizer para você que viva como quem sabe
que vai morrer um dia, e que morra como quem soube
viver direito.*

Chico Xavier

O psiquiatra francês Eugene Minkowski, um estudioso desse “tempo vivido”, se posiciona sobre o assunto sob três perspectivas duais do tempo: atividade e espera, desejo e esperança, prece e ação ética.⁴

A primeira perspectiva dual envolve a “atividade e a espera”. Para ele, a atividade é definida como um fenômeno essencial da vida. No seu sentido originário, nuclear, portanto, a atividade significa a alegria imediata de viver, apesar das perdas e dos fatores de limitação. Tudo que vive é ativo e tudo que é ativo vive. Esperar é diferente. A espera passa por uma percepção dolorida do tempo. De acordo com Minkowski, na espera, nós vivemos o tempo no sentido inverso. Nós vemos o futuro vindo em

⁴ Minkowski, E. (1965). Il tempo vissuto. Roma: Einaude.

nossa direção e esperamos que o futuro se faça presente. Esperar alguma coisa significa não fazer, porque o resultado não depende de nós. Na atividade, o *ela* é presente e dirige os eventos, ao passo que, na espera, o *tu* experimenta seus limites e resiste às forças alheias à força do destino.

A segunda perspectiva dual diz respeito à relação entre “desejo e esperança”. O desejo pressupõe a busca de alguma coisa que não temos. Sem o desejo, o tu perde sua força, coragem, intimidade consigo mesmo, e promove um grande vazio existencial que vai engolindo a vida e, conseqüentemente, o tempo. Para Minkowski, o desejo está mais intimamente ligado ao “eu íntimo” do que ao “eu da atividade”, e parece ser uma faculdade adicionada à atividade no curso da evolução dos seres humanos. Dessa forma, há mais satisfação no desejo e na esperança do que na realização, na conquista, na posse, porque ambos possuem horizontes infinitos. Na realização, a obra fecha-se às demais possibilidades. A esperança está sempre relacionada a algo que vai acontecer no futuro. Segundo Minkowski, “quando eu tenho esperança, espero a realização daquilo pelo qual

tive esperança”⁵. A esperança já é uma espera modificada pela ação do otimismo e situa-se além dele. O que significa esperança para cada um é muito particular, e por isso existem muitas formas de se manter esperançoso ainda que se esteja diante da morte. A esperança pode estar em qualquer tempo, mas geralmente é a marca que nos projeta continuamente para o futuro, quase sempre como uma forma de nos proteger da dureza do momento presente.

A terceira perspectiva dual do tempo é “a prece e a ação ética”. Para Minkowski, a esperança transporta o eu no tempo em direção à eternidade, e, nesse momento, ela se identifica com a prece. Nas situações mais ameaçadoras como a morte, os desastres físicos ou até morais, a esperança apenas parece insuficiente. Esperamos que algo maior nos salve, que resolva definitivamente o problema. A prece nasce da parte mais profunda do eu, e lhe permite ir além de si mesmo, em direção à sua parte mais profunda, além do “meu”. É ela que dá consistência à própria espera e a resgata da passividade. A ação ética, no entendimento de Minkowski,

⁵ Minkowski, E. (1965). *Il tempo vissuto*. Roma: Einaude.